



Ruth Rocha, eleita membro titular do PEN CLUBE, é saudada por Ana Maria Machado

Duas escritoras de talento, duas trajetórias de vida em que os pontos em comum se multiplicam: Ruth Rocha e Ana Maria Machado. Ao longo da história pessoal de cada uma delas, consolida-se um projeto literário voltado para um público muito especial: crianças e jovens.

Os nomes destas duas autoras estão entrelaçados na construção da literatura infantil e juvenil brasileira. E foram tantos os prêmios, foi tamanho o sucesso de seus livros dentro e fora do nosso país, que ambas enchem de orgulho os corações e mentes de todos nós, seus leitores e admiradores!



A escritora Ruth Rocha, eleita Membro Titular do PEN CLUBE do Brasil, foi saudada por Ana Maria Machado. Na foto, cedida pela AMS Agenciamento, Ruth expressa sua alegria contagiante.

Notícias traz uma importante contribuição para quem desejar conhecer um pouco mais sobre Ruth Rocha, a autora de inesquecíveis obras literárias como *Marcelo, marmelo, martelo*, *O que os olhos não vêem*, *Procurando firme* e tantas outras.

Estamos publicando o discurso de Ana Maria Machado, que fez a saudação a Ruth Rocha, recebendo-a como membro titular do Pen Clube, no dia 29 de julho de 2002.

Ana Maria Machado foi recebida no Pen Clube em 24 de novembro de 1999, e o discurso em sua homenagem foi feito pela escritora Laura Sandroni, membro do Conselho Diretor da FNLIJ. Publicamos este discurso no Notícias 6/2000, em um Caderno Especial dedicado a Ana Maria Machado, escritora vencedora do Prêmio Hans Christian Andersen, do IBBY, naquele ano.

Em 2002, a escritora indicada pela FNLIJ foi Ruth Rocha.

Agora, é a hora e vez de ouvirmos Ana Maria, apresentando Ruth, uma escritora que não só sabe muito bem seu ofício, como também ensina a outros futuros escritores o “caminho das pedras”. Seu último livro é *Escrever e criar – uma nova proposta*, publicado pela Quinteto Editorial. Trata-se de uma obra de não-ficção, em co-autoria com Anna Flora, premiada como Livro do Ano pela Câmara Brasileira do Livro (CBL).

Mas vamos ler/ouvir a fala de Ana Maria Machado, um relato comovido e comovente que, para nós, representa um retrato das muitas faces de Ruth Rocha e de seu papel essencial na história da literatura brasileira para crianças e jovens. Apresentamos, também, os agradecimentos de Ruth Rocha.



Uma autora em verdadeira grandeza

Ana Maria Machado

Quando o Pen Clube recebe Ruth Rocha, que ninguém se engane. Não estamos acolhendo entre nós uma autora de livrinhos com historinhas e textos engraçadinhos para crianças. Mas nem precisava fazer a ressalva. Não há o menor risco de que alguém aqui cometa esse equívoco, seja em relação a ela, seja em relação aos autores de literatura infantil brasileira contemporânea. Pode até ter havido um tempo, entre a morte de Monteiro Lobato e o início dos anos 70, em que a imagem costumeira que se fazia desse segmento tinha muito a ver com infantil e nada a ver com literatura. Excetuando a poesia – que então nos deu algumas obras-primas – e algumas incursões esporádicas de autores predominantemente dedicados ao mundo adulto, se focalizamos a ficção para crianças, talvez até, em muitos casos, essa imagem não estivesse muito longe da verdade, no deserto que se instalou nas letras brasileiras nesse período, povoado de cópias fáceis, boas intenções carregadas de didatismo, atitudes professorais, eternecimentos melosos e fofinhos... Sempre com as honrosas exceções de praxe – entre as quais podemos e devemos saudar nomes que foram verdadeiros oásis, como os de Francisco Marins, Maria Clara Machado, Lúcia Machado de Almeida, Malba Tahan, Ofélia e Narbal Fontes, entre outros e, já como um São João Batista anunciando a chegada de uma nova era, às vésperas do seu nascimento, a grande Edy Lima.

Mas o fato é que a presença de Monteiro Lobato fora tão marcante na criação de nossa literatura infantil que depois,

durante um bom tempo, ficou aquela sensação de vazio, de terra de ninguém. Por um lado, ele preenchia totalmente o terreno. Por outro, sua genialidade estabelecia um gigantesco padrão de comparação, inatingível pelo comum dos mortais. Algo que fazia lembrar os versos de García Lorca para o toureiro Ignacio Sanchez Mejías:

Tardará mucho en nacer, si es que nace,
un andaluz tan claro, tan rico de aventura.

Foi preciso passar toda uma geração para que outros trajes de luzes iluminassem a arena, no delicado e corajoso balé de enfrentar o touro de uma escrita literária acessível a todas as idades. E só foi possível acontecer isso, então, porque nenhum dos novos autores que surgiram nessa ocasião tinha a menor pretensão de ser um novo Lobato. Apenas queriam se expressar, brincar com as palavras e o imaginário, dividindo esse brinquedo com as crianças enquanto as faziam pensar – como tinha lhes acontecido na infância ao lerem as histórias do Sítio do Picapau Amarelo. A trajetória de Ruth é emblemática desse percurso. Vale a pena acompanhá-la de perto.

Como deve começar um bom escritor, ela se inicia sendo uma excelente leitora.

Lembro perfeitamente do dia em que me dei conta disso pela primeira vez. Foi em 1966. Posso precisar porque lembro que eu estava em São Paulo, recém-casada com o irmão de Ruth e grávida de meu primeiro filho. Voltávamos de um fim de semana na

chácara dos pais dela e eu pegava uma carona no Gordini de Ruth e seu marido Eduardo. Nenhuma das duas sonhava em um dia ser escritora, ou podia imaginar que, quatro ou cinco anos depois, estaríamos vendendo 250.000 exemplares por semana de nossos textos para crianças. No banco de trás, a meu lado, a filha dela, Mariana, então com uns quatro anos, pedia histórias. A história do poste, a do caminhão, a da vaca, tudo o que ia passando pela estrada. Ruth ia contando, uma atrás da outra. Depois, visivelmente, foi cansando. Me ofereci para continuar. E Mariana me pediu então a história do tijolo. E eu contei – falei no barro, na olaria, no forno, na secagem ao sol e ao vento... Então Ruth observou: “Que coisa bonita, Ana, você acabou de apresentar a ela os quatro elementos gregos – terra, água, fogo e ar”... O comentário me iluminou como um relâmpago na noite. E eu vi que maravilhosa leitora eu tinha a meu lado, naquela cunhada querida, nova irmã-mais-velha que o destino estava começando a dar a esta primogênita de nove, realizando assim meu mais remoto sonho infantil. Foi um maravilamento! Eu tinha estudado Letras, mas deixara toda a vida universitária no Rio ao casar e ir para São Paulo. E acabava de descobrir que tinha ali ao meu lado – embora ainda não desconfiasse quanto ao meu lado nem por quanto tempo – alguém que analisava texto de modo tão natural e inteligente. Uma grande leitora. Desde pequena – e ainda aprimorada por ter trabalhado numa biblioteca. Leu uma enormidade. É, até, a única pessoa que eu conheço que leu Cleômenes Campos. Um desafio ao conhecimento de presentes e ausentes.

A partir daí, saí explorando a Ruth como leitora. Trocávamos indicações de livros e autores, conversávamos muito sobre leituras feitas, sobre paixões comuns como Eça e Machado, nos emprestavamos livros – e até aprendi com ela uma fantástica maneira de arrumar estantes, separando os livros por adesivos coloridos nas lombadas, segundo gêneros e nacionalidades dos autores. Mas repito, nesse tempo, a literatura infantil não estava em nossos planos. Nem no primeiro plano da literatura brasileira, aliás. Nessa época, recordemos, ela era assim meio malvista, cheia de diminutivos. Os tais livrinhos de historinhas.

Foi esse o tempo que ficou para trás, em grande parte, graças a Ruth Rocha. E é essa trajetória que eu convido os confrades a acompanhar.

Já foi muito contado, mas repito: em algum ponto no final de 1968, a Editora Abril resolveu fazer uma revista infantil, a *Recreio*. Com textos corridos, não quadrinhos. E autores que nunca tivessem escrito para crianças, para poder evitar (segundo a editora Sonia Robatto) qualquer resquício de *nhenhenhêm* ou *tatibitate* na linguagem. Seleccionados por

critérios não muito ortodoxos, alguns futuros autores foram convidados a experimentar. Entre eles, a então socióloga e orientadora educacional Ruth Rocha, o então historiador Joel Rufino dos Santos, e eu, então professora. A revista fez muito sucesso, firmou-se como um celeiro de novos autores, e em 1976 nós três publicávamos nossas obras, pela própria Abril, em livros de coleções especiais, vendidos em bancas de jornais.

Como assinalam os especialistas, toda literatura infantil só se implanta quando passa por um processo de massificação – geralmente feito nas escolas – que a torna conhecida do grande público e assegura sua chegada ao pequeno leitor e sua permanência. Monteiro Lobato, por exemplo, conquistou isso graças a sua atividade editorial fecunda e seus dotes de vendedor e marqueteiro, tomando carona nos almanaques promocionais de remédios e conseguindo multiplicar pontos de vendas de livros por farmácias, armazéns e empórios do interior.

Já o chamado “boom” da literatura infantil brasileira foi beneficiado por uma confluência de dois caminhos. O primeiro era a banca de jornais, que distribuía as revistas da Abril (e, em menor medida, da Bloch, com a efêmera *Bloquinho*, que não durou muito, mas era toda feita por Sonia Robatto e Ruth Rocha, que assim aprendeu a ser editora). O segundo? Os colégios, onde os professores descobriram esses novos autores e passaram a recomendá-los e adotá-los com entusiasmo, ainda impressos apenas em revistas – por isso vendiam tanto. É que, felizmente, ainda era o tempo do mimeógrafo e não havia a cópia xerox. Se houvesse esse tipo de pirataria institucionalizada, com toda certeza a história da literatura infantil brasileira teria sido outra. Como não havia, quem queria ler comprava as revistas, levando os editores a perceber que existia um público para aquele gênero e aqueles autores. O livro só veio mais tarde, como exigência do próprio mercado, louco para poder guardar suas histórias favoritas consumidas nos semanários.

Tudo isso já tem sido suficientemente enfatizado, quando se recorda esse processo. Mas eu quero chamar a atenção para o papel específico e crucial de Ruth Rocha em tudo isso. Coisa de que pouco se fala. Nunca vi lhe darem o crédito por essa contribuição fundamental. Assim, faço questão de registrar. Por que *Recreio* entrou com tanta força nos colégios? É claro que as histórias eram boas. Mas cada página tinha também a cobertura de chocolate com cereja no alto do *sundae*: uma tira vertical externa ao texto, uma coluna dele separada por um fio, que trazia atividades em torno ao texto. Era preciso ler as histórias para fazer os jogos e brincadeiras. E eram divertidíssimos. Além de ensinar um mon-

te de coisas, estavam perfeitamente adequados a tudo o que os mais modernos conceitos de educação aconselhavam. E quem concebia tudo isso? Ela mesma, Ruth Rocha, orientadora pedagógica.

Daí, o caminho natural era ir trabalhar na própria Editora Abril, em vez de ficar em casa inventando brincadeira e história e mandando para a revista. E como as idéias dela eram ótimas, Ruth Rocha foi cada vez mais sendo ouvida na editoria de infantis não-Disney. Saiu por um tempo para fazer a *Bloquinho* e a *Enciclopédia da Criança*, na Bloch. Depois foi chamada de volta à Abril, como assistente de redação e em menos de um ano era redatora-chefe do setor. Foi mandada pela empresa para fazer um curso de editoração nos Estados Unidos, aprendeu a editar livros e voltou editora – e não apenas da *Revista Recreio*... Virou alta executiva, chefiava 42 pessoas diretamente. Não apenas foi responsável pela publicação de algumas das mais bonitas coleções de livros infantis daquele tempo (como a *Conte um Conto* e a *Beija-Flor*, com 50 títulos cada), mas está por trás de grande parte da época de ouro dos fascículos da Abril. Nessa segunda fase da *Recreio*, foi buscar novos autores – revelando para a literatura infantil Sylvia Orthof e Marina Colasanti, entre outros autores.

Aí veio uma crise na empresa, Ruth teve que demitir muita gente, ficou infeliz. Foi a um congresso de escritores em Florianópolis e constatou: “Este é o meu povo”. Voltou, escreveu *A menina que aprendeu a voar*, e pediu demissão. Já tinha feito um bocado pelos livros infantis. Foi ser apenas escritora.

Apenas? A palavra não é adequada. Com a Ruth, nada é apenas, como nada é diminutivo, nem no estilo, nem no conteúdo.

Como escritora, Ruth Rocha publicou 130 livros, foi traduzida em 20 línguas, vendeu mais de 12 milhões de exemplares. Ganhou 29 prêmios, entre eles o da Academia Brasileira de Letras, uma porção de Jabutis, e uma preciosa indicação para o internacional Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da Literatura Infantil, em que ela ficou de finalista e tem muita chance de ganhar, se reapresentada. Teve livro apadrinhado pelas Nações Unidas – e lançado lá na sede da ONU, em Nova York. Recebeu a Ordem do Mérito Cultural, a antiga ordem de São Tiago, cujas origens remontam ao rei Afonso VII de Castela, a única condecoração, no Brasil e em Portugal, voltada exclusivamente para a valorização da cultura. Teve livros adaptados para teatro, televisão, discos e CD-ROMs. Deu nome a bibliotecas escolares e clubes de leitores, fundados por crianças, em bairros humildes de nossas cidades. E, sobretudo, é amada pelos leitores jovens deste país, que sabem de cor e salteado seu *Marcelo*, *Marmelo*, *Martelo*, se emocionam na adolescência com seu *Pra que*

Serve? ou com *De repente dá certo*, se deslumbram ainda bem pequenos com *Nicolau tinha uma idéia* ou *Palavras, muitas palavras*. E aprendem com ela que há histórias de rabos presos, reinhos mandões, reis que não sabem de nada, idiotas sentados cada qual no seu barril e que, por via das dúvidas, é melhor não beijar sapos, de olho em promessas mirabolantes e irracionais.

Apenas escritora? Nunca conseguiu. Como editora *free-lancer*, coordenou coleções de livros infantis para a Record, a Cultrix, a Mosaico, a Melhoramentos, a Rio Gráfica. Não contente, filha de Lobato, fundou sua própria editora, a Quinteto, onde em poucos anos criou um catálogo invejável, antes de se despedir para ser... apenas escritora. De novo, não conseguiu. Como tradutora, mais uma vez digna seguidora de Lobato, trouxe para nossas crianças alguns livros de autores primorosos, de Alan Garner a Virginia Woolf. Como jornalista, teve uma coluna regular na revista *Claudia* por alguns anos. Como adaptadora, nos deu a mais bela introdução possível de Homero para crianças, presente de inestimável valor. Como militante da palavra, desdobra-se em palestras e mesas-redondas por esse mundo afora e esse Brasil adentro, participa de uma infinidade de júris de concursos, foi da diretoria da União Brasileira dos Escritores, é presidente da ONG Instituto Brasil Leitor.

Com rara dignidade e consciência profissional, teve um papel fundamental para consolidar o prestígio e garantir o respeito devido aos escritores de literatura infantil, nunca cedendo a pressões nem chantagens emocionais paternalistas, nunca se deixando enrolar pela sedução de elogios enganadores que costumavam, havia anos, travestir de honraria a reles exploração do fruto do esforço alheio – vício histórico entre nós, como já assinalava Sergio Buarque de Holanda, ao lembrar nossa aversão às virtudes econômicas e a confusão de se buscar prestígio nas letras para escapar à pecha de estar dedicado a trabalhos vis. A rara firmeza de Ruth Rocha na defesa de remuneração condigna para o trabalho intelectual pode ter-lhe granjeado incompreensão e alguns desafetos, mas ela nunca cedeu um milímetro nem se deixou enredar por falsos argumentos sedutores.

O resultado dessa firmeza foi nítido. Tenho imenso orgulho de termos sido companheiras nessa luta difícil, mas hoje plenamente vitoriosa, a tal ponto que as novas gerações que chegam aos férteis campos da nossa literatura infantil nem imaginam que há pouco tempo era tudo muito diferente. Conseguimos romper a prática tradicional de pagamentos irrisórios aos autores de livros infantis, passando a exigir os mesmos percentuais que autores de obras para adultos – e adiantamento, e contrato com prazo para acabar. Processamos (e ganhamos) editores

de livros didáticos, que incluíam trechos nossos sem remuneração nem consentimento, e (muitas vezes) com profundas alterações e fora do contexto. Convencemos vários editores a deixar para trás a norma que dizia que livro infantil de texto bom se vende sozinho, nem precisa de ilustração colorida, e que a qualidade gráfica só faz diferença mesmo é quando o livro é fraquinho... Nesse aspecto, como raros escritores, por sua experiência na Abril, Ruth Rocha foi uma descobridora de ilustradores, incentivadora de designers, e deu uma contribuição inestimável ao desenvolvimento do livro infantil de qualidade neste país. E com seu profundo conhecimento das diversas etapas da produção de um livro para crianças, e do mercado específico em que o setor se movimenta, Ruth ajudou a consolidar uma característica que Ziraldo sempre fez questão de apontar como sendo um marco do mundo editorial brasileiro, responsável pela originalidade de nossa produção e pela extraordinária acolhida crítica que temos no exterior: é que fazemos livros infantis de autor, e não de encomenda, daqueles solicitados em minuciosa receita pelo editor após pesquisa mercadológica, como é a regra na grande maioria dos outros países. Com tudo isso, acabamos vencendo preconceitos e ajudando a derrubar as muralhas do gueto: autores de livros para crianças são incluídos em pé de igualdade em todo tipo de representação institucional de escritores, de feiras e bienais a congressos e diretorias de órgãos de classe – outro aspecto em que o Brasil tem sido absolutamente pioneiro. E fizemos questão de romper uma praxe tradicional, simpática mas discriminatória: solicitamos que as fichas catalográficas, em cada livro, passassem a tratar as mulheres da mesma forma que os homens e incluísem nossa data de nascimento.

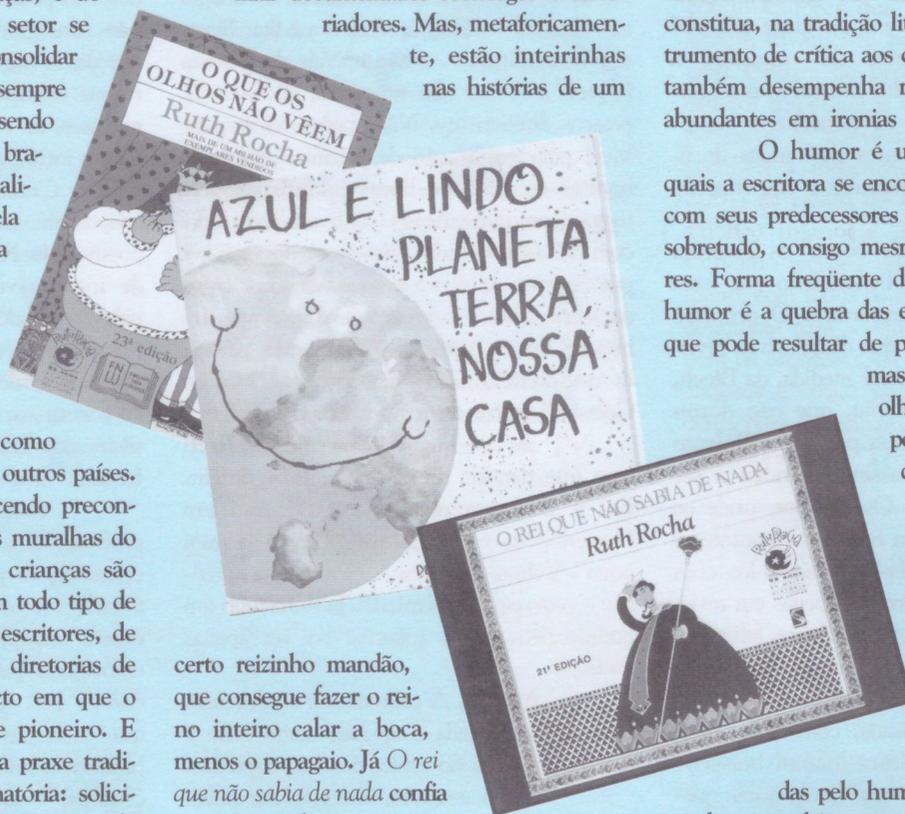
Apenas escritora? A Ruth? E dá para esquecer suas temporadas como cantora de jazz na noite paulista, deliciando as platéias do *Piu-Piu* e do *2001 com standards* dos anos 40 e 50? E sua participação na televisão paulista, como debatedora permanente em um programa semanal de política e cultura, por muitos anos?

Mas é que, diante da escritora, cessa tudo. Porque suas histórias são inesquecíveis. Porque o humor e a linguagem inconfundível de Ruth Rocha, a serviço de uma inteligência aguda e estimulante que provoca o leitor a pensar, são um presente para cada um de nós, em qualquer idade. Como explicou Carlos Morais:

“Também, suas histórias têm Bíblia e rua, cadência de profeta e drible de moleque – resistir quem há-de? Lê-la é como nadar em

correnteza. A gente cai e vai. A mensagem é como a rima, sai sem querer. Ruth flui toda. (...)

História boa, sugere Ruth, é a que tem coerência bastante para ser entendida e má intenção suficiente para se entender sempre mais um pouco. Critério ruthiano para ver se a história é boa: arrepio na espinha. Se sente que está escrevendo sem arrepio, pára e joga fora. Em geral, confessa, gesta sério, demorado, e conta rápido, brincando. Não teme nem palavras nem temas difíceis. (...) Nos mais ouriçados momentos da pátria, a mínima luzinha de fim de túnel ela pegava, e mandava ver. As reinações militares, que em vinte anos de moral e cívica deixaram o Brasil assim, podem um dia ser relatadas pelos mais documentados sociólogos e historiadores. Mas, metaforicamente, estão inteirinhas nas histórias de um



certo reizinho mandão, que consegue fazer o reino inteiro calar a boca, menos o papagaio. Já *O rei que não sabia de nada* confia o reino aos burocratas, que inventam uma máquina de governar, que faz tudo errado, até que o rei ouve uma menina: é o senhor que não tem jeito para a coisa. Em *O que os olhos não vêem*, o rei é acometido de uma curiosa doença: não consegue ver nem ouvir quem é pequeno e tem voz fraca.

No entanto, o fato de estar tão ligada a seu tempo nunca fez de Ruth Rocha uma panfletária, nem uma autora que invente uma história apenas para disfarçar mensagens ou palavras-de-ordem – vício tão comum e tradicional da literatura infantil, em sua mistura de arte com didática a serviço de maniqueísmos rasteiros... O diálogo da autora com a realidade é vivo, inteligente e sutil. Coisa de leitora requintada. Como assinala Marisa Lajolo:

“No terreno da ficção, dialogar com seu tempo não significa apenas mandar recados para os contemporâneos. Implica, além disso, dialogar com tudo o que já se produziu, na longa cadeia de escritores e textos cujo

conjunto configura uma literatura. O diálogo de Ruth (Rocha) se perfaz de diferentes maneiras, em diversas linguagens, estruturas e níveis, por meio de vários recursos. Mas o importante é que ocorre sempre. Sem ele, a obra não transcenderia o imediatismo do consumo rápido e da linguagem descartável.

Sua vasta produção orchestra também um constante diálogo interno, que lhe possibilita se renovar e se enriquecer. Neste sentido, há dois procedimentos recorrentes que muitas vezes se superpõem: o humor e o incessante trabalho com a linguagem.

O humor sempre dessacraliza o texto onde ocorre, patrocinando um olhar maroto ao objeto/tema a propósito do qual motiva o sorriso ou a risada. Talvez por isso constitua, na tradição literária ocidental, instrumento de crítica aos costumes, função que também desempenha nos livros de Ruth, abundantes em ironias e gargalhadas.

O humor é um dos modos pelos quais a escritora se encontra com seu tempo, com seus predecessores no gênero infantil e, sobretudo, consigo mesma e com seus leitores. Forma freqüente de manifestação deste humor é a quebra das expectativas do leitor, que pode resultar de procedimentos vários,

mas nasce sempre de um olhar de quem escreve, por cima do ombro de quem lê. Decorre também do conhecimento daquilo que os autores precedentes puseram nas mãos e cabeças de tais leitores.”

Dessas reviravoltas operadas pelo humor na obra de Ruth, resulta um efeito que a agudeza crítica de Marisa Lajolo assinala com grande acuidade: a autora traz a realidade de seu tempo para dentro da obra, e, depois de deixar o leitor sorrindo, devolve a ele essa realidade. Mas na operação de rir do narrado, o leitor já está crítico e lúcido. Transformado pela leitura divertida.

Esse processo é potencializado pela impressionante economia que Ruth Rocha tem no uso da linguagem. Parece colada na fala cotidiana, mas dela se afasta pela invenção literária, gestada por muita leitura mas fecundada pelo ludismo verbal característico do linguajar popular ou do registro familiar. Ruth chega ao sumo da linguagem narrativa, eliminando todo o supérfluo, mas densa e tecida em várias camadas de alusões. Mais uma vez, recorro às observações de Marisa Lajolo:

“Ruth burila sua linguagem com afinco. Assim, torna-a extremamente visível, incisiva e econômica. Este procedimento é

responsável, em certas situações, pelo caráter literário do texto que, impondo ao leitor sua especificidade e seu modo de ser, afasta-se da fala cotidiana.

Ruth quebra as expectativas do leitor também ao refundir linguagens cristalizadas. É como se passasse a limpo certas práticas textuais já esclerosadas pelo uso constante e privadas de significado. Clichês, estereótipos e lugares-comuns são desmanchados e refeitos. Emigram para novos contextos, onde ganham outras significações e renovam seus leitores.

Mas não são apenas usos verbais, por assim dizer, degradados que saem renovados da obra de Ruth. Formas legitimamente fixas e simples, como provérbios, encantamentos, maldições, aberturas e fechados narrativos – disponíveis na tradição cultural e na memória dos leitores – são retrabalhados e fecundados com valores novos.

Reescrevendo formas e refazendo conteúdos, Ruth estabelece um constante diálogo com as expectativas dos leitores. Reconhecendo, trabalhando e frustrando

tais expectativas, suas histórias se aproximam, também por esta rota, de uma vertente extremamente interessante da literatura contemporânea não infantil: aquela que tem por projeto a reescrita crítica e renovada da tradição cultural.”

Nada mais longe de escrever livrinho de historinha. Como queríamos demonstrar.

É, portanto, com muito orgulho que o PEN Clube recebe Ruth Rocha, uma autora sem qualquer diminutivo, em sua verdadeira grandeza.

Ruth Rocha saúda Maria Clara Machado

Queria em primeiro lugar fazer um agradecimento à comissão que me indicou para participar do clube; aos membros que me elegeram; ao presidente do Pen Clube do Brasil Marcos Almir Madeira; à minha agente, Ana Maria Santeiro, que me acompanha há tantos anos, desobstruindo meus caminhos com amizade e eficiência.

E à minha querida amiga, Ana Maria Machado, minha madrinha nesta cerimônia. Grande amiga e grande artista. Joga em todas as posições no jogo da literatura: jornalista, professora, crítica literária, autora de romances para adultos e histórias para crianças e jovens, que lhe valeram o maior de todos os prêmios, o Hans Christian Andersen; conferencista de trânsito internacional e ensaísta excepcional.

Quando eu tinha treze anos de idade, tive meu primeiro encontro com a literatura. Eu já tinha lido os livros para crianças disponíveis na época; a coleção da Melhoramentos, com uma velhinha na capa contando histórias, coleção que começava com Chapeuzinho Vermelho e chegava a Canção de Roland, Juca e Chico, João Fel-pudo, João Peralta e Pé de Moleque e quase todos os livros de Monteiro Lobato.

Mas eu também gostava muito de uma coleção rosa, cheia de romances e boas intenções. Mas, como dizia Gide, “boas intenções fazem má literatura”. Acho que por isso meu gosto literário estava muito atrasado.

Então, na 3ª série do antigo ginásio, um professor de Português nos pediu um trabalho para o qual nós deveríamos ler *A cidade e as serras*, de Eça de Queiroz.

Eu disse há pouco que, quando eu tinha treze anos tive meu primeiro encontro com a literatura. Mas não foi um encontro, foi uma trombada! Foi uma revelação! A ironia de Eça, o caráter realista de suas descrições, a caricatura implacável da sociedade francesa, na verdade, uma avaliação sarcástica de toda sociedade ocidental. E as lindas e comovidas cenas de Jacinto de Tormes dormindo numa enxerga entre lençóis grosseiros, lendo num jornal velho à luz de uma vela; e a primeira gloriosa manhã na

serra, o frescor do ar, a umidade do orvalho sobre as couves da horta, o inesquecível gole de água fresca na fonte...

Tudo isso me revelou o grande escritor e a força da literatura. Então, outro milagre aconteceu: entrei, pela primeira vez, numa grande biblioteca: o setor circulante da Biblioteca Mario de Andrade, em São Paulo. As paredes forradas de livros, as estantes repletas, tantos autores diferentes, tantos assuntos. E a possibilidade de levar os livros emprestados para ler em casa provocou em mim um compromisso que eu assumi comigo mesma: de ler todos aqueles livros. Aliás a minha intenção, era de ler todos os livros que existissem...

Enchi várias cadernetas com nomes de livros que eu deveria ler, e comeci uma incrível tarefa que consistia em escolher uma estante e ler todos os livros, um por um. Quando eu encontrava um espaço entre os livros e percebia que um deles tinha sido retirado, ficava muito aborrecida com medo de esquecer aquele livro que eu nem sabia qual era.

A partir daquela época, minha admiração pelos escritores foi crescendo sempre e foi se definindo em torno de alguns autores específicos. E com o romantismo próprio da adolescência (minha adolescência foi bem longa), eu sonhava com os espaços míticos, onde eu acreditava que os escritores circulavam e se cruzavam: os cafés de Paris, a guerra civil espanhola, os cabarés de Berlim, as estepes da Rússia...

Eu não sei quando eu ouvi falar do Pen Clube pela primeira vez. Mas me lembro que eu imaginava o Pen Clube como um grande salão onde Hemingway cruzava com Colette; Gide conversava com Bernard Shaw; Gertrude Stein cumprimentava o casal Fitzgerald.

Muito mais tarde, no Rio, houve um congresso do Pen Clube. Acho que foi no Hotel Glória, onde eu estava hospedada. Lembro-me de ter visto Vargas Llosa e Nérida Piñon. Embora nesta ocasião eu já fosse mais velha, aquilo confirmava meus delírios.

Quando fui convidada para pertencer ao Clube, fiquei evidentemente hon-

rada e curiosa. Mas, quando soube que eu iria ocupar a vaga de Maria Clara Machado, fiquei um pouco amedrontada.

Afinal, Maria Clara Machado é insubstituível. Como Machado de Assis, Monteiro Lobato, como Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Mas então, de repente eu me dei conta de que todos os escritores são insubstituíveis.

O papel dos artistas é abrir, de alguma forma, um espaço que ainda não existe e preenchê-lo com seu trabalho, com sua originalidade, com seu talento. Foi isso que Maria Clara Machado fez: revolucionou a dramaturgia para crianças, criando peças delicadas, poéticas e cheias de graça. Quando Pluft pergunta a sua mãe: “Mamãe, gente existe?”, Maria Clara indica um caminho, uma nova forma de fazer teatro para crianças.

Mas Maria Clara fez muito mais. Ela criou uma instituição educacional única naquele tempo: o Tablado. Pelo Tablado passaram e continuam passando centenas de jovens que lá recebem, não um ensinamento formal, mas a oportunidade de ter uma vivência diferente, que lhes proporciona o desenvolvimento da sensibilidade, a aprendizagem da disciplina, da persistência, da dedicação e, principalmente, uma relação estreita e positiva com a arte.

Eu saúdo aqui a figura única de Maria Clara Machado. Na pessoa dela saúdo os escritores e a literatura, que nos dão, nas palavras de Leyla Perrone Moysés, “a ampliação do nosso imaginário, o encontro com o outro, o autoconhecimento, a capacidade de impressão e expressão, a visão crítica do real, a emoção estética, a felicidade da palavra que nos faltava e nos é dada”.

Saúdo também, evidentemente, os novos companheiros do Pen Clube.

E faço minhas as palavras de Miguel Torga para estimular a todos nós, nessa nossa tarefa difícil, mas prazerosa, de escrever:

“Canta Poeta, canta!

Violenta o silêncio conformado.

Cega com outra luz a luz do dia

Desassossega o mundo sossegado.

Ensina a cada alma a sua rebeldia.”

Victor Hugo - O Homem-Oceano

2002 – 200 anos de Victor Hugo

Em comemoração ao bicentenário de Victor Hugo, realizam-se exposições, lançamentos de reedições de livros e eventos em todo o mundo. Particularmente, em Paris, na Biblioteca Nacional da França, de 23 de março a 23 de junho, ocorreu a exposição Victor Hugo – O Homem-Oceano, de livros, desenhos, manuscritos e documentos. O catálogo encontra-se disponível aos sócios da FNLIJ, no Centro de Documentação e Pesquisa - CEDOP-FNLIJ.

Um gênio das letras e investigador da alma humana, Victor Hugo foi poeta, romancista, pintor, arquiteto, político e revolucionário. Esse ho-

mem multimídia, como seria chamado hoje, é considerado o maior escritor francês, um clássico da literatura universal, que usava a literatura para propagar a necessidade de mudança social e defender os direitos individuais. Sua obra influenciou muitas gerações de autores no mundo todo, e suas histórias já foram adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão.

A obra de Victor Hugo disseca a alma humana, mostrando a face de valores pouco nobres como a fragilidade e a injustiça. Para V. Hugo, o verdadeiro homem é o que está debaixo do homem, pois as nossas verdades estão escondidas por

trás de uma máscara social. A alma é a realidade, é lá que estão as verdades humanas.

Os miseráveis, narrativa que foi publicada pela primeira vez em 1862, na França, possui diferentes traduções e adaptações no Brasil. Destacamos a adaptação da Editora FTD, que faz parte da Coleção Literatura em Minha Casa, adquirida pelo FNDE, MEC em 2001, para ser distribuída às crianças de 4ª e 5ª séries das escolas públicas nacionais. Além de *Os miseráveis*, são também conhecidas do público brasileiro as obras *O corcunda de Notre Dame* e *Os trabalhadores do mar*.

Ninfa Parreiras

CLÁSSICOS
PARA O
JOVEM
LEITOR



SÉRIE REENCONTRO

Destacamos aqui uma relação de obras de Victor Hugo. Fazem parte do patrimônio do Centro de Documentação e Pesquisa - CEDOP da FNLIJ, acervo disponível à consulta dos sócios.

- *O corcunda de Notre-Dame*. Adap. de Jiro Takahashi. São Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro)
- *O corcunda de Notre-Dame*. Adap. de Sabá Gervásio. Il. de Walter Hüne. São Paulo: Abril, 1973. (Clássicos da Literatura Juvenil)
- *Os miseráveis*. Trad. e adap. de Walcyr Carrasco. Il. de Marcos Guilherme. São Paulo: FTD, 2001. (Coleção Literatura em minha casa; v. 4)
- *Os miseráveis*. Adap. de Luiz Antonio Aguiar. Il. de Eduardo C. Pereira. São Paulo: Melhoramentos, 1995. (Coleção Clássicos Ilustrados)
- *Os miseráveis*. 18 ed. Texto em português Miécio Táci. São Paulo: Ediouro, 2001. (Clássicos para o jovem leitor)
- *Os trabalhadores do mar*. Adap. de Maria Jacintha. Il. de Nico Rosso. São Paulo: Abril, 1973. (Clássicos da Literatura Juvenil)
- *Victor Hugo: uma biografia*. Graham Robb. Rio de Janeiro: Record, 2000. 658 p.

OS MISERÁVEIS

VICTOR HUGO

Texto em português
MIÉCIO TÁCI



Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.

Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Perguntas que tanto inquietam pais e professores: como despertar nas crianças o gosto pela leitura? Que livros indicar para os pequenos leitores? O que é possível fazer para que meninos e meninas se entusiasmem por conhecer as narrativas fantásticas criadas por escritores de outras épocas?

Estas questões são, sem dúvida, muito importantes. Mas Ana Maria Machado não se propõe a dar respostas para elas neste livro. A autora deixa de lado estas discussões intermináveis e faz um relato apaixonado de sua experiência pessoal, como leitora. É todo um envolvimento mágico com o universo da literatura, que ela nos convida a conhecer, numa trajetória que recorda a arte dos contadores de histórias desde os gregos e troianos, passa pelo caudaloso rio das histórias do povo hebreu, detém-se em Dom Quixote e outros inesquecíveis personagens da literatura universal de todos os tempos, relembra aventuras que apaixonaram muitas gerações de leitores e chega até os clássicos infantis mais conhecidos, como os contos dos Irmãos Grimm. Charles Perrault, Hans Christian Andersen e o “nosso” Monteiro Lobato.

O fascínio pelos livros e, em especial, pelas narrativas, começa, quase sempre, quando alguém conta uma história a uma criança, ou a um grupo de crianças. É neste momento que acontece a magia. E Ana Maria Machado nos mostra isto, descrevendo sua emoção e deslumbramento ao ouvir, ainda bem pequena, as aventuras de Dom Quixote, narradas por seu pai. Ele lhe mostrava o livro e as figuras, mas narrava o texto com suas próprias palavras, interpretando, dramatizando, criando todo um “clima” para que o cavaleiro da triste figura se tornasse um novo companheiro nas brincadeiras e na vida da menina Ana. E tão bem ele desempenhou sua tarefa de iniciador nas artes da palavra falada, escrita e sonhada, que esta menina se tornou uma das maiores escritoras brasileiras... E mais tarde, uma escritora internacional, vencedora do maior prêmio oferecido a escritores de literatura para crianças e jovens: o Prêmio Hans Christian Andersen, do IBBY.

Os incrédulos e os céticos talvez duvidem: como é possível que uma criança tenha entendido uma história tão complexa? Será que outros meninos e meninas também se apaixonariam por um personagem tão conturbado como Dom Quixote?

Este livro da editora Objetiva pode colaborar para que educadores e pais dei-

xem de lado estas dúvidas e se proponham a colocar filhos e alunos em contato com os livros, desde cedo e desde sempre. Crianças se envolvem, se apaixonam pelos personagens das histórias, mesmo que sejam figuras estranhas, mesmo que vivam grandes tragédias, que sejam feras enfeitadas, meninas avoadas que esquecem os conselhos da mamãe, bonecos de madeira que sonham se tornar crianças... Todo este universo imaginário é um legado que nos foi transmitido pelas gerações que nos precederam, ele nos pertence, é como um “mapa” para a viagem de cada ser humano neste planeta, ao mesmo tempo tão pródigo e tão tumultuado.



Mitos, lendas, fábulas, contos dos mais diversos povos e culturas compõem este tesouro que pertence a toda a humanidade. É o que diz Ana Maria Machado, com sua maneira única e preciosa de escrever:

“Assim à minha reivindicação de ler literatura (o que, evidentemente, inclui os clássicos), porque é nosso direito, vem se somar uma determinação de ler porque é uma forma de resistência. Esse patrimônio está sendo acumulado há milênios, está à minha disposição, uma parte é minha e ninguém tasca.” (p.19)

E, sobre a identificação com os personagens, a autora de *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* nos esclarece:

“Lendo uma história, de repente, descobrimos nela umas pessoas que, de alguma forma, são tão idênticas a nós mesmos,

que nos parecem uma espécie de espelho. Como estão, porém, em outro contexto e são fictícias, nos permitem um certo distanciamento, e acabam nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências. Essa dupla capacidade de nos carregar para outros mundos e, paralelamente, nos propiciar uma intensa vivência enriquecedora é a garantia de um dos grandes prazeres de uma boa leitura.

“Aliás, essa idéia de que os clássicos nos carregam numa viagem não deve ser surpreendente porque uma das possíveis origens da palavra *clássico*, etimologicamente, seria uma derivação de *classos*, um tipo de embarcação, uma nave para longas viagens.” (p. 20)

Para aqueles que aceitarem o convite para esta viagem, Ana Maria Machado vai delinear, ao longo do livro, uma verdadeira “cartografia da leitura”, tendo sempre um olhar novo sobre cada conto, novela, romance ou poema épico comentado. Cada página traz revelações e releituras de clássicos universais de todos os tempos. *Viagens de Marco Polo, Alice no País das Maravilhas, Ali Babá e os 40 ladrões, Robinson Crusoe, Os três Mosqueteiros, Vinte mil léguas submarinas, Peter Pan...* Para cada um destes livros, um comentário lúcido, uma releitura, um reencontro numa nova perspectiva. E esta sobrevivência dos clássicos em nossa cultura também é explicada pela autora de tantos livros já clássicos, como *Bisa Bia, Bisa Bel*:

“São incontáveis os exemplos da sobrevivência desses elementos em toda a nossa cultura. Muitos deles passaram a ter valor de símbolo: falamos em fazer uma cruzada contra alguma coisa, viver trancado numa torre, enfrentar o dragão da inflação. O mundo mágico do folclore celta e o universo medieval continuaram absolutamente vivos nos livros e nas telas do século XX, seja na obra de J. R. Tolkien como *O Hobbit* e a trilogia de *O Senhor dos Anéis*, seja nas inúmeras voltas ao rei Artur, com sua espada Excalibur e sua corte em Camelot (...) seja na magia de Merlin e suas corujas retornando com Harry Potter (...).” (p. 49)

Como conclui Ana Maria Machado, ao final do livro, está feito o convite para a navegação. Agora, é só chamar os pequenos, e também os jovens e os adultos, para uma visita às bibliotecas, às livrarias, aos salões e bienais do livro... Pesquem com eles, encontrem seus “mapas”, apontem para o Norte e... boa viagem!

Diretoria do SNEL apresenta suas realizações (1999 – 2002)

Paulo Rocco, presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, bem como os demais membros da Diretoria que coordenou os trabalhos do órgão no período de 1999 – 2002, divulgam um bem elaborado relatório da gestão que se encerra.

Com o título: “É tempo de comemorar e manter as mangas arregaçadas”, o relatório apresenta um balanço das principais conquistas que consolidaram a atuação do SNEL como pólo aglutinador de informações e ações no mercado editorial brasileiro. Entre elas, destacam-se: sintonizar o Sindicato Nacional dos Editores de Livros com os interesses das editoras do país; modernizar a comunicação com seus associados e o público em geral, através de mídias impressas e eletrônicas; promover uma bienal do livro de alto nível no Rio de Janeiro; consolidar a posição do sindicato no exterior, através de feiras literárias da maior relevância, como o Salão de Paris e as feiras de Frankfurt e Guadalajara; atuar como fomentador da implantação de uma Política Nacional do Livro no Brasil.

Em sintonia com os movimentos culturais e editoriais que existem no país, o SNEL também consolidou sua participação nas principais feiras literárias nacionais, como: Jornada Literária de Passo Fundo (Rio Grande do Sul) e o Salão do Livro para Crianças e Jovens da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Este balanço destaca também a evolução de um dos principais serviços do SNEL: a emissão de fichas catalográficas para editoras. A rapidez na prestação do serviço é um de seus diferenciais: em apenas dois dias é possível solicitar e receber a ficha desejada.

A comunicação das ações, da filosofia e dos serviços do SNEL também foi ampliada, com a criação do boletim semanal Informe SNEL e do periódico mensal Jornal do SNEL. As publicações visam informar associados, instituições governamentais e imprensa das últimas novidades do setor editorial, além de prestar assessoria jurídica e oferecer matérias aprofundadas sobre o segmento.

Novos serviços somaram-se aos já oferecidos pelo SNEL durante este período: Balcão de Empregos e consultoria de direitos autorais e trabalhistas. O SNEL patrocinou diversas pesquisas imprescindíveis para avaliação dos perfis dos leitores brasileiros e investigou as tendências do mercado editorial nos estudos Retrato da Leitura no Brasil, Diagnóstico do Setor Editorial

Brasileiro, em parceria com a Câmara Brasileira do Livro, Custos da Produção e Hábitos de Leitura na Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro.

*Uma rede serviços que integra
tendências e novidades de todo o país*

Editoras, livrarias, distribuidores e órgãos públicos dispõem agora de uma nova ferramenta que agrega e agiliza a troca de informações ligadas ao mercado do livro no Brasil: o Portal Editorial. Criado pelo SNEL para integrar a comunicação no setor, o site (www.portaleditorial.com.br) oferece amplos serviços: disponibiliza os catálogos de todas as editoras associadas ao Sindicato Nacional dos Editores de Livros; faculta aos livreiros o cadastro e a consulta eficiente e imediata do acervo de obras de editoras filiadas; divulga campanhas e programas governamentais de educação e cultura voltados para o setor de livros e otimiza o tempo de consultas de informações sobre lançamentos e estoques de obras por parte dos distribuidores. Usuários em geral também podem usufruir dos diversos serviços do Portal Editorial, como consulta a publicações por assunto, autor, editora e nº do ISBN.

A Bienal do Livro: os números falam por si

Os números falam por si: 560 mil visitantes, entre os quais 233 mil estudantes; 70,5% de público comprador; média de 5,30 livros comprados por pessoa. Maior evento literário brasileiro, a X Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro/2001 foi gerenciada pelo SNEL. Contando com 800 expositores, a bienal tem como uma de suas características principais atrair um público de grande variedade sociocultural. Encontros com alguns dos principais escritores brasileiros e convidados estrangeiros estão entre as tradicionais atrações do evento: o Café Literário e o Fórum de Debates. Em sua última edição, o Sindicato Nacional dos Editores de Livros foi parceiro da Prefeitura do Rio de Janeiro, promovendo entre professores do município a troca de cupons por livros. A Prefeitura doou R\$ 525 mil para a execução deste programa.

Literatura brasileira para crianças e jovens é divulgada no exterior

Rogério Andrade Barbosa, escritor e presidente da AEI-LIJ, é o representante regional da SCBWI – Society Children’s Book Writers and Illustrators – no Brasil. Ele enviou ao Notícias um interessante artigo, publicado em inglês no boletim desta organização internacional, que tem sede nos EUA e conta com cerca de 17.000 membros ao redor do mundo, no qual analisa a literatura para crianças e jovens de nosso país. Rogério comenta sobre a rica mistura de culturas que existe no Brasil, uma herança dos mitos e tradições que foram trazidos pelos europeus, africanos, árabes e por tantos outros grupos étnicos.

No artigo, Rogério Barbosa destaca o papel da FNLIJ na promoção da leitura, na formação de novos leitores e na divulgação da literatura de qualidade para crianças e jovens, citando os diversos projetos implementados pela seção brasileira do IBBY, tais como *Ciranda de Livros*, *Viagem da Leitura*, *Meu livro, meu companheiro...*

Rogério analisa também as relações entre o escritor e os

órgãos ligados à cultura e à educação em nosso país. Refere-se, em especial, à adoção de textos de autores brasileiros de literatura para crianças e jovens em escolas de Ensino Fundamental, prevista pela Lei n. 5.692/71. Diversas editoras promovem palestras e encontros dos autores de LIJ com os alunos de 1ª a 8ª séries das escolas de todo o país e eles são muito bem-recebidos por este público leitor.

A Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEI – LIJ), que reúne cerca de 300 membros, tem procurado também promover seminários e palestras, reunindo escritores, ilustradores, professores, editores, livreiros e estudantes.

Para maiores informações sobre este artigo, sobre a AEI-LIJ e sobre a SCBWI no Brasil, entrar em contato com Rogério Barbosa, ou com a organização, nestes endereços:

randbar@gbl.com.br

www.docedeletra.com.br/rab

www.scbwi.org

Notícias Acontece

Prêmio NOMA de ilustrações / 2002 convida ilustradores da Ásia, do Pacífico, da África, dos Estados Árabes, da América Latina e do Caribe



O Prêmio NOMA existe desde 1978 e é organizado pela Asia/Pacific Cultural Centre for UNESCO (ACCU). O Prêmio recebe o nome de seu fundador, Shoichi Noma.

O concurso estará recebendo os trabalhos dos ilustradores até o dia 31 de outubro de 2002.

Para participar, é necessário enviar as ilustrações originais que foram utilizadas nos livros para crianças. Fotografias e cópias não serão aceitas.

A proposta do concurso é valorizar o trabalho dos artistas que se dedicam à ilustração de livros infantis, criando uma arte tão especial e atraente, incentivando-os a aperfeiçoarem cada vez mais a qualidade das ilustrações de livros para crianças.

Desde o primeiro concurso, em 1978, já foram divulgados mais de 300 artistas de mais de 60 países.

A exposição do Prêmio NOMA também é mostrada em diversas cidades do Japão e na Bienal de Ilustrações de Bratislava (BIB).

Os vencedores de 2002 receberão a premiação em abril de 2003, em Tóquio, no Japão.

Em 2001, a ilustradora e escritora Marilda Castanha foi a vencedora de uma das categorias do Prêmio NOMA, com seu belíssimo *Pindorama, a terra das palmeiras*, publicado pela Editora Formato.

Para participar do Prêmio NOMA em 2003, os interessados devem solicitar o regulamento completo, que pode ser acessado via Internet: <http://www.accu.or.jp/noma>

E-mail: book@accu.or.jp

Concurso Internacional de Literatura Infantil - LIBRESA – Júlio C. Coba - 2003

Este concurso acontece em Quito, no Equador, a cada dois anos. Em sua terceira edição, em 2003, o Concurso LIBRESA pretende conceder o prêmio único e indivisível de U\$ 5.000 para a obra literária para crianças que se destacar pela qualidade literária e pela presença de valores humanos fundamentais.

Além do prêmio em dinheiro, a LIBRESA publicará a obra vencedora, bem como as finalistas.

O tema do concurso é livre e o gênero literário, o narrativo. O autor pode concorrer com uma novela ou uma coletânea de contos.

A obra deve ser inédita, em espanhol e ser destinada ao público leitor de 8 a 12 anos. Os originais deverão ser enviados até 31 de dezembro de 2002.

Conheça o regulamento completo do Concurso entrando em contato com: libresa@interactive.net.ec



Programa “Livros Animados”, uma parceria entre a FNLIJ e o canal Futura, é selecionado para o Festival Prix Jeunesse, na França

O programa “Livros Animados”, uma parceria entre a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e o canal Futura, novamente recebe uma indicação de destaque. Desta vez, o programa foi selecionado para a mostra não competitiva do Festival Prix Jeunesse, na França, um dos mais consagrados em programação infantil no mundo. Esta notícia tão animadora nos foi comunicada por Mônica Pinto, gerente de Desenvolvimento Institucional do canal Futura, que comenta para o Notícias/FNLIJ: “Esta indicação vem, mais uma vez, referendar o que já sabíamos: produzimos um programa de alta qualidade, comprometido com a literatura infantil, com a criança e com a inovação. Estamos felizes em dividir com vocês, nossos parceiros, mais este momento de alegria”.

“Livros animados”: um sonho que se tornou realidade

O programa “Livros Animados” já existe desde 1997, estando agora na sua 3ª versão. A idéia de um programa para a televisão com livros brasileiros animados nasceu há cerca de 11 anos, durante uma

ida da Secretária Geral da FNLIJ, Elizabeth Serra, à Bienal de Bratislava, na então Tchecoslováquia, onde assistiu a uma exposição que mostrava filmes de animação, nos quais eram contadas histórias de livros. Os filmes destacavam a importância da leitura no ambiente familiar e o manuseio dos livros pelos leitores, que eram as crianças e seus familiares.

De volta ao Brasil, Beth propôs este projeto a três emissoras de TV. Mas só em 1997 ele se tornou realidade, com o apoio da coordenadora pedagógica Mônica Pinto, do Canal Futura, e realização da produtora No Ar. A coordenadora do Núcleo de Educação do canal, Cristina Carvalho, a partir da seleção dos livros, que é feita pela FNLIJ, orienta o trabalho, tendo o cuidado de preservar o conteúdo da obra, que não pode ser adaptada, nem fragmentada, garantindo uma narrativa total de texto e ilustração.

Os livros indicados foram selecionados pela FNLIJ, e também foram avaliados pela equipe da produtora No Ar, que escolheu aqueles que melhor atendiam às possibilidades de um programa de TV.

O cuidado com a qualidade dos livros e com a realização do programa já recebeu outros reconhecimentos internacionais. Um deles foi a Distinção RAL (Red de América Latina), obtida na Seleção da Programação Latino-Americana, em 2001. O outro foi o Prêmio Iberoamericano de Comunicação pelos Direitos da Infância e da Adolescência, uma iniciativa da Agência de Notícias Espanhola EFE e do Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, oferecido a comunicadores que tenham contribuído significativamente para a construção de uma cultura de promoção e defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes. O programa de televisão “Livros Animados” recebeu a indicação em novembro de 2001, na cidade do Panamá, na categoria Público Infantil e Adolescente. Cristina Carvalho recebeu este Prêmio, que juntamente com todos os outros representa uma conquista para a equipe do canal Futura, para os escritores, os ilustradores, os especialistas e colaboradores da FNLIJ, e, é claro, para as crianças brasileiras e todos os espectadores do “Livros Animados”.

Ministério da Educação incentiva a leitura compartilhada entre pais e filhos

Um “guia” do Ministério da Educação, distribuído por ocasião do Dia Nacional da Família na Escola, incentiva a família a participar do dia-a-dia da educação das crianças, sugerindo que pais, mães e responsáveis leiam para elas, desde pequeninas, se possível todos os dias. E esclarece que existem múltiplas oportunidades para isto, como por exemplo: ler a receita, enquanto preparam algo saboroso para comer; ler os rótulos das embalagens de diversos produtos; ler a programação da TV; ler jornais e revistas; ler os letreiros, cartazes, etc.

E, entre as atividades de leitura em família, o MEC destaca “ler livros de literatura para crianças”. Nesse ponto, o “guia” comenta sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE/2001) que, por meio do projeto Literatura em Minha Casa, distribuiu 8,5 milhões de livros para alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental das escolas públicas de todo o país.

Este projeto, sobre o qual já falamos diversas vezes no Notícias, permitiu que as famílias brasileiras formassem um embrião de uma biblioteca “em casa”, uma vez que todas as crianças e seus pais recebem 1 coleção, com 6 volumes, com obras de autores brasileiros (poemas, contos, novelas, histórias clássicas, teatro), além de excelentes traduções de autores internacionais.

Com estes livros, pais e filhos poderão desenvolver o “prazeroso hábito da leitura compartilhada”.

Com muita sensibilidade e pertinência, este “guia” ressalta o quanto é significativo o papel dos pais na formação da criança leitora, como se pode observar por esta solicitação: “Nunca obrigue as crianças a ler: Não faça da leitura uma obrigação, nem a utilize como castigo. Para fazer da criança um leitor de carteirinha, ela precisa ler com prazer.”

Este manual de orientação para os pais, é, sem dúvida, também muito útil para professores e outros profissionais que lidam com crianças. Ele sugere, ainda, desdobramentos que podem ser feitos a partir da leitura dos mais diversos tipos de textos com as crianças. São atividades simples, mais ricas em fantasia e criatividade, como escrever cartas, bilhetes, montar um livro de recortes, desenhar os personagens das histórias, escrever poemas, fazer um diário, fazer jogos e brincadeiras como palavras cruzadas, caça-palavras, etc.

A FNLIJ, que tem como um de seus objetivos institucionais a promoção de leitura compartilhada, tema gerador do Concurso leia comigo!, entusiasma-se ao constatar que o Ministério da Educação tem

procurado consolidar suas políticas de leitura por meio de ações tão expressivas no âmbito da escola, da família e da comunidade.

Parabéns por este “guia”, e que ele seja realmente lido e discutido nas reuniões de pais e professores, de forma que os sonhos saiam do papel e se tornem realidade.

Educar é uma tarefa de todos nós.

Um guia para a família participar, no dia-a-dia, da educação de nossas crianças.



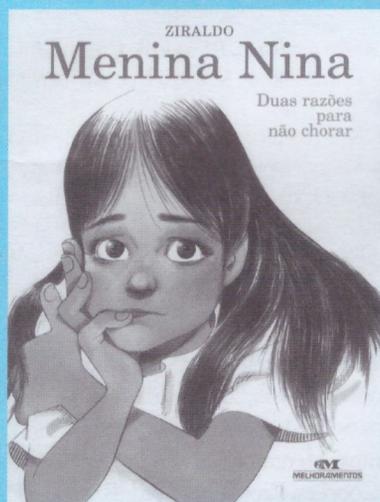
Dica de Leitura

Quem apresenta a nossa “dica de leitura” é Adriana Falcão, vencedora do Prêmio FNLIJ “O melhor para a criança”, em 2001, com *Mania de Explicação*, seu primeiro livro infantil, publicado pela Editora Salamandra.

Adriana estreou com a *A máquina*, pela Editora Objetiva, em 1999.

Em 2002 estará lançando o romance *Luna Clara e Apolo Onze*, também pela Salamandra.

É redatora de TV, colaborou em “Comédia da vida privada”, “Brasil legal”, “O auto da compadecida”. Atualmente escreve para o programa “A grande família”, da Rede Globo e é cronista da *Veja Rio*.



“Como todas as crianças, muitas vezes chorei escondido pensando em quando meus pais, tios e avós morressem. Isso já faz muito tempo. Quase todos já morreram.

Hoje em dia são minhas filhas que se afligem com esse sentimento, e eu tento consolar como posso.

Mas quando eu li *Menina Nina*, de Ziraldo, outro dia, tive uma crise de choro.

Não porque é triste. Nem porque é alegre. Nem porque é muito. Nem porque é tão dele.

Porque é lindo demais.

Ziraldo consegue falar da perda acrescentando um grande ganho: a poesia de quem foi e a poesia de quem fica. Depois disso, nada mais precisa ser dito sobre o assunto.

As crianças podem dormir em paz. Inclusive eu.”

Adriana Falcão

Biblioteca

Neste número publicamos 65 títulos, referentes à produção de 2002, recebidos de 5 de junho até o dia 23 de julho de 2002.

ÁTICA

A ilha do tesouro. Robert Louis Stevenson. Adapt. Claire Ubac. Il. François Roca. Trad. Luciano Machado.

Ali Babá e os quarenta ladrões. Adapt. Luc Lefort. Il. Emre Orhun. Trad. Ruth Salles.

Joana Banana. Cristina Porto. Il. Alcy Linares.

Jovens brasileiros: uma aventura literária em 10 momentos da nossa história. Ivan Jaf; Maria Odette Simão Brancatelli, Vera Lúcia Vilhena de Toledo. Projeto gráfico Vicente Gil Arq. e design.

Nhac-nhac! De onde vem a comida? Mick Manning e Brita Granström. Trad. Marta Svartman. Il. César Wolf. (Col. Xereta).

No meio da noite escura tem um pé de maravilha! Ricardo Azevedo. Desenho e proj. gráfico do autor.

No olho da rua: historinhas quase tristes. Georgina Martins. Il. Nelson Cruz.

O homem que não queria saber mais nada e outras histórias. Peter Bichsel. Il. Roger Mello. Trad. Claudia Cavalcanti.

O livro do adolescente: discutindo idéias e atitudes com o jovem de hoje. Liliana e Michele Iacocca. Proj. Gráfico Eduardo Rodrigues.

O menino e a foca. Michael Foreman. Trad. Ruth Salles. Il. do autor.

Para toda criança. Adapt. Caroline Castle. Trad. Ruth Salles. Il. Vários Ilustradores.

Sai sujeira! Cuidados com o corpo. Mick Manning e Brita Granström. Trad. Marta Svartman. Il. César Wolf. (Col. Xereta).

Tique-taque o tempo não pára. James Dunbar. Trad. Marta Svartman. Il. César Wolf. (Col. Xereta).

O Sertão vai virar mar. Moacyr Scliar. Il. César Wolf. Capa de Nelson Cruz.

SOS ararinha-azul. Edith Modesto. Il. Rogério Soud.

O Ogro e o passarinho. Fausto Wolff. Il. Guilherme Vianna.

A casa das palavras e outras crônicas. Marina Colasanti. Il. da autora.

O canto da praça. Ana Maria Machado. Il. Alexandre Coelho.

Do outro mundo. Ana Maria Machado. Il. Lúcia Brandão.

A linguagem do amor. Kate Emburg. Trad. Marta Svartman. Imagens César Wolf.

Gol de placa. Edith Modesto. Il. Robson Araújo.

Onde fica o ateneu? Ivan Jaf. Imagens César Wolf. Capa Luiz Gê.

Destino em aberto. Marisa Lajolo. Il. Rubem Filho.

O cachorrinho samba na floresta. Maria José Dupré. Il. Cris & Jean.

Minha irmazinha é um monstro. Thomas Brezina. Il. Rolf Bunse. Trad. Claudia Cavalcanti.

O cachorrinho samba. Maria José Dupré. Il. Cris & Jean.

A montanha encantada. Maria José Dupré. Il. Cris & Jean.

A mina de ouro. Maria José Dupré. Il. Cris & Jean.

Júlio tem medo de escuro. Christian Lamblin. Il. Régis Faller e Charlotte Roederer. Trad. Luciano V. Machado.

Uma proporção ecológica. Luzia Faraco Ramos. Il. Robson.

BRINQUE-BOOK

Famílias divertidas. Dugald Steer. Il. Derek Matthews.

O homem do saco. Rogério S. Trezza. Il. do autor.

CIA. DAS LETRAS

1001 fantasmas. Heloisa Prieto. Proj. Gráfico Raul Loureiro.

Filha de feiticeira. Cella Rees. Trad. Manoel Paulo Ferreira. Capa Ettore Bottini.

CIA. DAS LETRINHAS

Todo mundo vai ao circo. Gilles Eduar. Il. do autor.

Eloise. Kay Thompson. Il. Hilary Knight. *O menino que chovia*. Cláudio Thebas. Il. Ivan Zigg.

Sete histórias para sacudir o esqueleto. Angela Lago. Il. da autora.

Nem tudo está perdido. Silvia Zatz. Il. Cecília Esteves.

O castelo do príncipe sapo. Jostein Gaarder. Il. Philip Hopman.

Era uma vez um livro. Marcelo Cips. Il. do autor.

DCL

Bruxa e fada, menina encantada. Ieda de Oliveira. Il. Pinky Wayner

É só gostar. Isabella Barbosa. Il. Ingrid Biesemeyer Bellinghausen.

Japuçu e a estrela do fogo. Luciana Savaget. Il. Lina Kim.

Não é bem assim a história. Anna Claudia Ramos. Il. Victor Hugo Cecatto.

O menino que brincava de ser. Georgina da Costa Martins. Il. Pinky Wayner.

Raio de sol. Ingrid Biesemeyer Bellinghausen. Il. do autor.

Sebastiana e Severina. André Neves. Il. do autor.

Sinto cheiro de pão quente. Alina Perlman. Il. Ana Raquel.

Vida no campo. Mônica Jakievicius. Il. Félix Reiners.

continua na pág. 12

ELEMENTAR

Colcha de leituras: unindo amores. Alinhando leitores. Jonas Ribeiro. Il. Márcia Széliga.

GLOBAL

A vaca voadora. Edy Lima. Il. Marlette Menezes.

Quem tem medo de dizer não? Ruth Rocha. Il. Mariana Massarani.

OBJETIVA

Bao Chi, Bao Chi: um romance da guerra do Vietnam. Luís Edgar de Andrade.

Buscando o seu mindinho: um almanaque auricular. Mario Prata.

Como e por que ler a poesia brasileira do século XX. Ítalo Moriconi. Capa Glendas Rubinstein.

Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Ana Maria Machado. Capa Glendas Rubinstein.

Comunismo. Richard Pipes. Trad. Ana Luiza Dantas Borges. Capa Silvana Mattievich.

Igreja católica. Hans Küng. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Capa Silvana Mattievich.

Sexo na cabeça. Luis Fernando Veríssimo. Escultura e il. Ricardo Leite; Pós Imagem Design.

Viajem a Marte: a busca da Nasa por

vida fora da Terra. Laurence Bergreen. Trad. Paulo Reis. Capa Adriana Moreno.

PAULUS

A terra dos mais belos desejos. Stela Maris Rezende. Il. Ana Raquel. Moacyr Scliar.

O fio da meada. Roseana Murray. Il. Elisabeth Teixeira.

RECORD

As cores do amor. Luciano Trigo. Il. Mariana Massarani.

STUDIO NOBEL

1,2,3 da bicharada. Monika Papescu. Il. do autor.

Atenção Ilustradores!

Participem da
Mostra de Ilustradores de
Bolonha!
Os trabalhos só
serão recebidos até
25 de novembro
de 2002!



Inscrições abertas até 30 de setembro!
Entre em contato com a FNLIJ:
fnlij@alternex.com.br

ERRATA

No *Notícias 6*, na matéria *Notícias da Feira de Bolonha – 2002*, ao colocarmos a lista do *White Ravens*, o Catálogo Anual publicado pela Biblioteca Internacional da Juventude, de Munique, com a Seleção da Literatura Internacional para Crianças e Jovens, por um erro de digitação, deixamos de publicar o seguinte título:

De cabeça pra baixo. Ricardo da Cunha Lima. Il. Gian Calvi. Rio de Janeiro, Cia. das Letrinhas, 2000.

Este livro recebeu, no ano de sua publicação, os seguintes prêmios e distinções: Prêmio APCA, Jabuti (da CBL) e *Altamente Recomendável*, da FNLIJ.

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Abrigraf, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Barsa Planeta Internacional Ltda., Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Cosac & Naify, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora Bertrand Brasil, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercuryo Jovem, Exped, Forense, Formato, FTD, Global, João Carlos Serra, Jorge Zahar Editores, José Olympio, Lê, Letras e Letras, Lucerna, L&PM Editores, Manati, Martins Fontes, Mazza, Melhoramentos, Mergulhar, Miguilim, Moderna / Salamandra, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, Paulus, Pearson Education do Brasil, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Revan, RHJ, Rocco, R. R. Donnelley, Santa Clara, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Thex Editora, Stúdio Nobel.

EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Magda Frediani • Revisão: Cláudia Pinto,

Elda Nogueira, Magda Frediani e Ninfa Parreiras • Diagramação: Guto Mesquita

GESTÃO 2002-2005 • Conselho Curador: Eduardo Portella, Marcos Pereira, Maria Antonieta Antunes Cunha, Regina Bilac Pinto, Roberto Feith, Wander Soares. Conselho Diretor: Carlos Augusto Lacerda (Presidente), Ana Cristina Zahar, Laura Sandroni. Conselho Fiscal: Ana Lygia Medeiros, Henrique Luz e Terezinha Saraiva. Suplentes: Celina Dutra da Fonseca Rondon, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Regina Lemos. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Alexandre Martins Fontes, Annete Baldi, Bia Hetzel, Felipe Lindoso, Ferdinando Bastos de Souza, Fernando Paixão, José Alencar Mayrink, José Bantim, Lilia Schwarcz, Luiz Alves, Vladimir Ranevsky, Lúcia Jurema Figueirôa, Ottaviano de Fiore, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Ricardo Arissa Feltre, Rogério Andrade Barbosa, Wladimir Murtinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e
receba mensalmente Notícias.
Tel.: (0XX)-21-2262-9130
e-mail: fnlij@alternex.com.br
home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@alternex.com.br